



**DA ARCA À ESCRITA: O BESTIÁRIO NAS LITERATURAS
AFRICANAS**

FROM THE ARK TO WRITING: BESTIARY IN AFRICAN LITERATURES

DEL ARCA A LA ESCRITURA: EL BESTIARIO EN LAS LITERATURAS AFRICANAS

Vanessa Ribeiro Teixeira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Inara Oliveira Rodrigues (Universidade Estadual de Santa Cruz)

Erica Cristina Bispo (Instituto Federal do Rio de Janeiro)

Camila de Toledo Piza Costa Machado (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Onde cairá o orvalho se as pedras perderam dono
e história
e só as coisas torpes e destruídas
cobriram os campos e tornaram cinza o verde?

Maria Alexandra Dáskalos

borboletas de luz
esvoaçando
de cadáver em cadáver
colhem
o fedor dos mortos em
vão
(...)

Arlindo Barbeitos



2019, 2020, 2021... e o orvalho ainda se perde no caminho, o cinza ainda impera sobre o verde, as borboletas colorem paradoxalmente o cenário de morte e a terra, incessantemente revolvida e vermelha, abraça a todos, inclusive os poetas. Este número da revista *Mulemba* é dedicado à memória da poetisa Maria Alexandre Dáskalos e do poeta Arlindo Barbeitos, arrancados de nosso convívio pela pandemia que revela a força de um vírus e a permanência da desumanidade.

*

O galo. A galinha. O cão. O porco. A cobra. O leão. O cágado. A osga. Os abutres... No universo das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, encontramos diversas figurações, simbólicas e alegóricas, de animais tornados personagens centrais das narrativas. Bichos-mito. Bichos-resistência. Bichos-esperança. Bichos-ironia. Bichos-reinvenção. Seja em meio à cena discursiva anticolonial, seja às margens das independências, seja nas releituras pós-coloniais, deparamo-nos com a crítica do bicho-homem por meio das semelhanças e diferenças com outras espécies animais.

Na “Nota do Autor” do romance *Entre as memórias silenciadas* (2013), Ungulani Ba Ka Khosa revela e indaga:

O que encanta nas noites africanas são os pirilampos, animais de brilho intermitente, descontínuo, fugaz. Por entre as árvores deslustradas, eles adquirem a plenitude do brilho por segundos. A luz ténue dá outra cor à savana. São momentos fascinantes nas noites, segundos que ficam nas retinas da memória. Depois, ao de súbito, vem a escuridão, as trevas. Momentos de incerteza, de receio. E de repente a luz, a vida. Inconstância. O viver intermitente entre a graça e a aflição.

Quantos de nós não assistimos, apavorados, ao acender e apagar de luzes das nossas independências? (KHOSA, 2013, p. 3)

A imagem dos pirilampos surge, logo na abertura da obra, como uma construção alegórica que centraliza as reflexões descortinadas ao longo da trama: o clarão da liberdade é fugaz, quase uma ilusão, constantemente ameaçado pelas trevas trazidas pelo insidioso estado de exceção. Os fascinantes pirilampos – do grego *pyrilampís*, junção de “pyros” (fogo) e “lampis” (luz) –, carregam, na sua “pleonástica” condição luminescente, a potencialidade da gênese, da criação, algo que se impõe em meio ao caos, imagem bastante cara à escrita khoseana.

Na cultura chinesa, que, por índicas travessias, deságua também em solo moçambicano, “o pirilampo é tradicionalmente o companheiro dos estudantes pobres, aos quais fornece a luz para seus trabalhos noturnos.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 721). Não seriam, então, esses pequenos seres iluminados os arautos da revolução, da criação a partir da diversidade, das vozes marginalizadas? A luz possível sobre a “história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994,

p. 225)? Poderíamos ler os intermitentes insetos, inclusive, como uma alegoria do próprio fazer artístico em meio à escuridão do cerceamento das liberdades. Onde tudo é treva, brilhar é uma maneira de dizer “não”.

Em *Antes de nascer o mundo* (2016), de Mia Couto, a figura de Jezibela fascina e acende desejos. Nesse cenário, a “besta bela” metaforiza a solidão em Jerusalém, um território marcado pela misoginia:

A jumenta se dobrava para trás, com um indecifrável olhar cheio de pestanas, e o meu pai aguardava, mãos cruzadas à frente do ventre, à espera de um sinal. Que sinal seria esse, nunca soubemos. A verdade é que, num dado momento, Silvestre anunciava a sua gratidão:

— Muito agradecido, Jezibela, trouxe estas modestas flores...

Ainda víamos a burra mastigando o ramo de flores. Depois, meu pai desaparecia no interior do curral. E nada mais se sabia. (COUTO, 2016, p. 100)

Na comunidade composta por homens, as existências fêmeas/femininas inauguram um contradiscurso, seja através da singular figura da jumenta, seja por meio das recordações e intervenções de outras personagens do passado-presente. Desse modo, em meio à sinfonia de vozes masculinas fraturadas, as citações epigráficas que abrem os capítulos da obra são de autoria feminina e desvelam uma crítica a esse novo mundo que estava sendo anunciado por Silvestre Vitalício — são palavras de Adélia Prado, Sophia de Mello Breyner Andresen, Hilda Hilst e Alejandra Pizarnik.

O destaque concedido à Jezibela, essa figura feminina bestializada na obra — “animal-objeto” capaz de transcender os meros prazeres carnavais de Silvestre —, vai ao encontro do espaço legado às personagens espectrais da narrativa que galgam importância e se revelam fundamentais, mesmo nesse microcosmos majoritariamente masculino. É imperioso, portanto, que nossos olhares estejam atentos a essas figuras bestiais e, muitas vezes, bestializadas no cenário literário africano. Frequentemente, elas recontam histórias e, mesmo em contextos quase apocalípticos, tornam-se fulcrais para repensar seus (nossos) lugares na sociedade.

Diante da urgência de, em tempos desumanos, dizer algo para além das perspectivas do humano, a revista *Mulemba*, em seu 23º número (volume 12), apresenta ao público o dossiê intitulado “O bestiário nas literaturas africanas”, composto por artigos que investigam o devir de personagens animais, personagens-bichos, no bojo das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Os textos aqui reunidos, nascidos das mais diversas análises e abordagens teóricas, evidenciam a condição desses personagens enquanto elementos críticos e problematizadores da realidade vivida pelos humanos nas narrativas investigadas. Poderíamos dizer que, em muitas das obras evocadas, os bichos são os “nãos” da história. Não à toa, a construção desses

personagens como instâncias questionadoras do *status quo* social têm grande importância para as literaturas produzidas por escritores africanos.

Sandra Sousa, abrindo o dossiê com o artigo “Um ‘pós-colonial’ perdido nos limites do colonialismo: Henrique Galvão e os bichos do mato”, abeira-se das margens da literatura colonial e encontra no romance *Kurika* (1944), de Henrique Galvão, indícios germinais de discussões muito caras à literatura pós-colonial, entre elas, aquelas concernentes aos Estudos Animais. Evocando os postulados de Chagani (2016) e Derrida (1995), entre outros, o texto logra problematizar a condição humana como limiar da ética e da moral, a partir da narrativa de Galvão. Comportamentos considerados desumanos vitimam não só os humanos indesejáveis a determinadas estruturas de poder, mas também animais não humanos que sucumbem diante da bruta hierarquização entre as espécies, hierarquização essa ditada pela Humanidade.

Na sequência, Hémille Raquel Santos Perdigão investiga, no conto “Dragão e eu” (1945), do caboverdiano Teixeira de Sousa, a aventura iniciática de um jovem personagem-narrador rumo ao conhecimento de si, inspirado pelo comportamento de seu companheiro canino. Em “Contra o exílio de si mesmo: liberdade e individualidade em ‘Dragão e eu’, de Teixeira de Sousa”, a pesquisadora problematiza o confronto entre o desejo de pertencimento a uma comunidade maior e a urgência do autoconhecimento e da defesa da individualidade. De Sófocles a Mudimbe, passando por Sartre e Appiah, o texto analisa as tensões entre as existências individual e coletiva, ao passo que nos revela o cão “Dragão” como símbolo da resistência e da liberdade frente às humanas vontades.

Em “Olhares outros: o animal e a infância em Honwana e Ondjaki”, Marlúcia Nogueira do Nascimento aborda as relações entre a infância e os animais não humanos, refletindo sobre como essas relações poderão fomentar o aprendizado de novos comportamentos éticos para a convivência entre animais humanos e não humanos, assim como entre humanos. A partir das leituras dos contos “Nós matamos o Cão-Tinhoso” (1964), de Luís Bernardo Honwana, e “Nós choramos pelo Cão Tinhoso” (2007) e “O Kazukuta” (2007), a centralidade concedida ao olhar infantil revela possibilidades de uma existência humana mais empática e inclusiva.

Vera Lucia da Rocha Maquêa, no artigo “A osga e o vendedor de passados”, analisa criticamente o desenrolar do romance *O vendedor de passados* (2004), de José Eduardo Agualusa. As já aclamadas singularidades da narrativa, que vão desde a insurgência de um narrador-observador animal até as peculiaridades identitárias do personagem-protagonista, passando por surpreendentes revelações diegéticas, dignas de uma trama policial, são investigadas por Maquêa à luz das provocações de epistemologias pós-coloniais que logram desestabilizar as certezas sobre o humanismo. A osga que narra, interroga e, assim, reinventa o humano.

Fechando o dossiê, eis que uma águia levanta voo, alçando a outros patamares figurações simbólicas e/ou alegóricas de personagens animais. O artigo “Sobre uma águia chamada Mutola”,

de Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, aborda o conto “Mutola” (2013), de Paulina Chiziane, que ficcionaliza a saga de Maria de Lourdes Mutola, velocista moçambicana, medalhista olímpica, desacreditada pela estrutura de uma sociedade machista patriarcal. A águia, personagem-protagonista da breve narrativa que precede o conto, é simbolicamente associada às grandes conquistas e, na narrativa de Chiziane, alegoriza a resistência e a (re)existência de uma grande mulher frente às barreiras do *status quo* social.

Outros três artigos, reunidos na seção de temática livre, compõem o presente número da revista *Mulemba*. Abrindo a seção, Gustavo Henrique Rückert, em seu texto “Mayombe: útero da revolução”, apresenta uma abordagem crítica pouco usual do romance inaugural de Pepetela, *Mayombe* (1980). O trabalho lê a própria floresta como personagem centralizador da diegese, a partir dos pressupostos teóricos do realismo animista. Das linhas do artigo, surge a compreensão de que a floresta gestou a liberdade.

Zoraide Portela Silva e Humberto José Fonsêca mantêm nosso foco sobre o deslindar da guerra pela libertação em Angola, tempo da narrativa anteriormente analisada por Rückert. “O fim da guerra não é o fim da guerra: a independência de Angola e os buracos negros da literatura”, título do artigo da dupla de pesquisadores, problematiza os “pontos cegos”, os “não ditos” da guerra anticolonial, partindo da análise da obra de José Luandino Vieira. A conclusão alcançada é a de que, ao contrário da guerra pela autonomia política, o combate travado pela literatura enquanto discurso de resistência a sistemas de opressão está longe de acabar.

A literatura como lugar de resistência também é o foco do trabalho de Michelle Aranda Facchin, intitulado “O animismo como elementos de resistência contra o machismo”. Analisando criticamente textos de Mia Couto, com destaque para o conto “Caçador de ausências” (2009), Facchin lê, na recorrência ao realismo animista praticado nas narrativas miacoutianas, uma relação íntima entre essa vertente do realismo ficcional e as estratégias de sobrevivência e resistência das personagens femininas.

Finalizando o número, a resenha de Greicy Bellin e Larissa Bonacin sobre o romance *Caça às bruxas* (2018), do escritor angolano Carlos Albino, apresenta uma narrativa que tem por cenário a guerra civil em Angola e a saga de homens e mulheres na busca da resolução de suas necessidades “financeiras, emocionais, existenciais e sexuais” cerceadas pela vivência do estado de exceção. A solução encontrada está no inexplicável. A crueldade humana está cheia de explicações.

O fim dessa breve apresentação aponta para o seu começo. A resistência às práticas desumanas, genocidas, encontra especial abrigo em experiências não humanas: da realidade animal à existência sobrenatural. Entre uma e outra, diversos exemplares das literaturas africanas insistem em seguir os passos da águia, pois “como as andorinhas, são filhas da liberdade.” (CHIZIANE, 2013, p. 90).

Nesse, como em muitos outros aspetos, as literaturas africanas de língua portuguesa não estão, pois, afastadas da prática do continente como um todo: lembremos *Djouma, chien de brousse*, de René Maran, publicado em 1927, que é – curiosamente – a única obra do autor vertida para português, graças a uma tradução brasileira de 1934. Lembremos também o intenso trabalho que, um pouco por toda a África, tem vindo a ser desenvolvido a partir de fontes diversas da riquíssima literatura oral tradicional, à semelhança do que tem feito, por exemplo, o angolano José Luandino Vieira com algumas fábulas. Resta, assim, esperar que este número de *Mulemba* seja um primeiro passo para que, dentro de alguns anos, possamos ter, para o universo das literaturas africanas em português, um volume equivalente ao que o nigeriano Evan Maina Mwangi publicou em 2019: *The Postcolonial Animal: African Literature and Posthuman Ethics*.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva [et al]. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

COUTO, Mia. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Entre as memórias silenciadas**. Maputo: Alcance, 2013.